

O ESTADO DAS COISAS III

Movimentos incertos do presente

Seminário aberto: Mestrado e Doutoramento em Estudos Portugueses

31 de março de 2023, NOVA FCSH (C009 - EC)

PROGRAMA

SESSÃO 1: 10h - 12h

Ana Sofia David, “Um salto de fé: a presença de Abraão na poesia de Daniel Faria”

Mariana de Carvalho, “Cinepoesis: uma poética da alucinação em *Ventos Borrascosos*”

Sérgio das Neves, “A prática poética alquímica: em busca pelo sentido”

Almoço: 12h15 - 13h15

SESSÃO 2: 13h30 - 16h

Rita Anuar, “Notas para uma não-teoria do conhecimento: Maria Gabriela Llansol e Walter Benjamin”

Pedro Januário, “Natureza e Proximidade”

Ana Freitas, “O que nasce?”

Maria Luís Coutinho, “O poema enquanto pensamento: um lugar ou modo de nascer”

Ana Sofia David, “Um salto de fé: a presença de Abraão na poesia de Daniel Faria”

Em Homens que são como lugares mal situados, encontramos uma secção intitulada “Se fores pelo centro de ti mesmo”. Este título saltou do terceiro poema, “Separação de Abraão e Lot”, que integra esta parte da obra. Estas figuras bíblicas não surgem isoladas, pelo contrário, figuram perto de outras que lhes são mais ou menos próximas, encontrando-se várias cadeias de referência. Sara ou Eliseu parecem ser, por exemplo, duas das que se juntam a Abraão para presentificar a ideia de obediência. Pretendemos ainda, na nossa comunicação, traçar um caminho para a presença de Abraão na obra fariniana considerando Kierkegaard.

Ana Sofia David é mãe, professora, grisalha, leitora, e outros títulos não académicos. É licenciada em Línguas e Literaturas Clássicas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e fez o Ramo de Formação Educacional na mesma área. Fez o mestrado em Literaturas e Poéticas Comparadas pela Universidade de Évora, tendo-se dedicado ao estudo de literatura infantojuvenil e videojogos. Atualmente, é aluna de doutoramento em Estudos Portugueses, na NOVA-FCSH, procurando situar-se nos lugares poéticos de Daniel Faria, orientada pela professora Golgona Anghel.

Mariana de Carvalho, “Cinepoesis: uma poética da alucinação em *Ventos Borrascosos*”

«Talvez um dia se escreva, pense e aja em massa.» (Novalis: 1986, 22), cita Fernando Guerreiro, no seu último livro *Grãos de Pólen*, logo prosseguindo com outra citação (por sinal muito reiterada) de Lautréamont: «la poésie doit être faite par tous, non par un». Perseguindo as palavras de Novalis e Lautréamont, debruço-me sobre *Ventos Borrascosos*, obra publicada em 2019, por Fernando Guerreiro, tida pelo próprio autor como um projecto poético onde a palavra é uma entidade impessoal porque natural e colectiva. A estrutura do livro é a de um «grande rolo de filme», perseguido por ecos de *Wuthering Heights*. Uma voz híbrida – ora inédita ora citada, ora em português, ora em francês ou inglês – discorre em versos contínuos, intervalados por um espaço em branco. Esta voz é, contudo, ladeada de outras vozes, «películas do texto» que se projectam sobre a primeira camada. O poema transforma-se num longo palimpsesto em que as palavras funcionam enquanto elementos produtores de imagens: algo que produz no leitor uma alucinação. Partindo desse pressuposto, procurar-se-á uma leitura de *Ventos Borrascosos*, que investiga o conceito de cinepoesis, explorando potenciais relações entre a linguagem poética e a linguagem cinematográfica.

Mariana Carvalho é doutoranda em estudos comparatistas, na NOVA FCSH e na Universidade de Warwick, onde desenvolve uma tese sobre as figurações do resíduo nas obras de Fernando Guerreiro, Manuel Gusmão e Teresa Villaverde. Investiga a possibilidade de uma linguagem híbrida e dialógica, que se manifesta em representações também elas miscigenadas, fantasmáticas e mutantes. Concluiu o mestrado em Estética e Estudos Artísticos, em 2022, com a dissertação “O resíduo como resistência da matéria: a rematerialização do mundo através da poesia e da fotografia” (FCSH). É licenciada em Artes e Humanidades pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Sérgio das Neves, “A prática poética alquímica: em busca pelo sentido”

Pensar em alquimia é pensar numa teoria da fundação da matéria. Nisso, a alquimia nada difere da química. Qual é, então, a grande diferença entre ambas? Segundo Fernando Pessoa, “é o sentido com que os aparelhos se empregam, e com que as operações são feitas”, que as distingue. O sentido da alquimia pode ser pensado por quatro vectores. O primeiro é a identificação entre macro e microcosmo: Deus e o universo; o universo e os seres; os seres e as suas obras; as obras e Deus, Deus e as obras. O segundo vector baseia-se na transmutação da matéria, permitindo ao operador transformar-se pela obra, que, por sua vez, apenas se cria, aquando da transformação ocorrida no seu operador. Outra forma de se pensar o sentido da alquimia é pela prática da dissolução do insolúvel e da coagulação do incoagulável, que permite a conjugação de opostos e a

sua perfeita interdependência. Por fim, a alquimia estabelece que do impuro se faça o puro, que do erro se acerte. A matéria que naturalmente envelhece, apodrece e morre é a que possibilita a continuidade, o aprofundamento e expansão da consciência, e é a que faz da consciência da morte uma operação de imortalidade e de criação. Portanto, poderíamos resumir estas práticas nestes quatro conceitos: o devir; o reflexo; a conjunção de opostos; e a salvação purificadora. O sentido maior da alquimia é, assim, o da busca por um tempo original, inscrito na própria linguagem. A alquimia é, então, uma cura, um acto de potência. Princípio e fim de si mesma, de conhecimento em si mesmo, o sentido alquímico convoca para si o símbolo ourobórico; da cobra devorando a sua própria cauda. A partir do desenvolvimento destas operações, conceitos e símbolo, gostaríamos de submeter a alquimia à analogia com a criação artística, mais concretamente com a poesia, tentando reflectir sobre a prática alquímica, enquanto uma prática poética.

Sérgio das Neves é Doutorando de Estudos Portugueses, da FCSH da Universidade Nova de Lisboa, com bolsa FCT, desenvolve o projecto de investigação sobre alquimia e metáfora nas poéticas de Herberto Helder e Yvette Centeno. Frequentou a licenciatura em Teatro da Universidade de Évora, licenciou-se em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e é mestre em Estudos Comparatistas pela mesma instituição, com a dissertação: *Urfaust e Heinrich von Ofterdingen: um estudo comparatista à luz do pensamento alquímico*. Não fugindo às suas raízes dionisíacas, é ainda actor e fadista.

Rita Anuar, “Notas para uma não-teoria do conhecimento: Maria Gabriela Llansol e Walter Benjamin”

“Quando há necessidade de fazer da razão um tirano, como fez Sócrates, não deve ser pequeno o perigo de que uma outra coisa se faça de tirano.”

F. Nietzsche, *Crepúsculo dos Ídolos*

Recordando as críticas de Nietzsche a Sócrates, o representante por excelência do ideal “teórico”, é com base na ideia de que existem outras razões, tal como explica Nietzsche em *A Origem da Tragédia*, que lançamos as primeiras linhas para traçar o diálogo entre dois autores indomesticáveis. Pela via da análise e comentário de alguns excertos das obras de Maria Gabriela Llansol e Walter Benjamin, obras inseridas na constelação de textos que privilegiam o pensamento em torno da infância, a criança e o tema da aprendizagem, iremos indagar a hipótese de que ambos participaram na (des)construção de uma não-teoria do conhecimento. O que é o conhecimento e o que legitima determinado fenómeno como participando da construção de conhecimento? Poderá a criança, essa figura precoce e “fora da política”, participar na produção de conhecimento?

Rita Anuar (Vila Franca de Xira, 1994), autora e investigadora interdisciplinar, licenciada em Ciências da Comunicação, Pós-graduada em Filosofia (Estética) e mestre em História da Arte Contemporânea, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Encontra-se actualmente a preparar o projecto de doutoramento em Estudos Portugueses, no qual visa aprofundar a ligação entre os textos de Maria Gabriela Llansol e Walter Benjamin atendendo à presença da figura da criança e da infância nas suas obras. É autora na UMBIGO Magazine, tem vindo a escrever textos para exposições bem como a desenvolver trabalho no campo da curadoria. Interessa-lhe o cruzamento entre artes visuais, filosofia e literatura, a indisciplina e o vento. Nos intervalos escreve poemas.

Pedro Januário, “Natureza e Proximidade”

Reflexões sobre a relação dos conceitos de Natureza e Proximidade a partir da leitura de excertos de *Da Natureza das Coisas* de Lucrecio.

Pedro Januário (n 1982), Arquitecto pela Faculdade de Arquitectura da UTL e mestre em Filosofia Estética na FCSH-UNL. É doutorando em Estudos Portugueses – área de especialização

de Estudos de Literatura, na FCSH-UNL. Participou em vários projectos socio-ambientais, culturais e artísticos nas regiões da Beira Alta e de Lisboa. Músico e membro do grupo coral Llama Virgem.

Ana Freitas, “O que nasce?”

A presente intervenção pretende pensar — partindo da afirmação de Maurice Blanchot: “o acto de nascer como um acontecimento inacabado” — a seguinte interrogação: o que nasce? Como falar do (re) começo, no início de um século obnubilado pela ameaça e persistente presença da morte? Através da leitura de um poema contínuo, propomos questionar o corpus individual-colectivo na problemática da criação.

Ana Freitas (Lisboa, 1981). A partir da problemática da subjectividade e intersubjectividade humanas, tenho desenvolvido, desde 2001, diversas pesquisas teórico-práticas, quer no âmbito da Psicologia Clínica e Social (como psicóloga em contexto individual e de grupos), quer, desde 2015, no âmbito das Artes Poéticas e Performativas (como poeta, ensaísta e encenadora) e na Filosofia (como investigadora na área da Estética). Desde 2016, escrevo semanalmente para o programa de rádio *Em Transe*, na SuperBock SuperRock. Colaboro com diversas revistas, em Portugal e no Brasil, como: *Egoísta*, *Intro*, *Lote*, *Caliban*, *Capivara*, *Diversos afins*, *Fluir*; *Torquato*, *Ruído Manifesto*, *Cadernos Chão da Feira*, entre outras. Sou coautora do projeto de residências artísticas *ESPALDAR*. Participei na Antologia poética de homenagem a Maria Judite de Carvalho, editada pela poética edições e na Antologia de 35 poetisas portuguesas *Tras los Claveles*, pela Garvm. Sou autora do livro *Cordão*, editado pela abysmo e autora do livro *Guarda Nocturno*, edição da Fresca_Poetria. Investigo actualmente o corpo na arte, a partir da obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche com a da escritora e psicanalista russa Lou Andreas-Salomé.

Maria Luís Coutinho, “O poema enquanto pensamento: um lugar ou modo de nascer”

No contexto do pensamento como questão principal do Seminário *O Estado das Coisas*, pretende-se tratar o pensar como uma maneira de permanecer no limbo, um estado intermédio entre um antes e um depois, em que a fase posterior é morte, transformação, metamorfose, renascimento. Desse modo, poema e pensamento serão tratados em união, como um enquanto o outro, como (quase) a mesma coisa. Para esse efeito, as palavras de Silvina Rodrigues Lopes estarão na base da reflexão. O poema é, entre outras coisas, uma reflexão produzida através de pensamentos em bruto. No ato da escrita, o resto, mundo exterior, fica em suspenso. Segundo Silvina Rodrigues Lopes, o pensamento corresponde a um novo fio – a liberdade, que prende, já não ao corpo materno, mas ao centro inatingível do mundo, ou do universo. Esse prender que é liberdade é ao mesmo tempo libertação das coisas. «(...) pensar, no seu cume poético, depende da escuta que a linguagem nos permite fazer da mudez das coisas (do devir, da sua singularidade), escuta que é antes de mais participação de fluxos de sentidos, semióticos e extra-semióticos ou sensações, no seu entrelaçamento desobjectivante. Quando deixa de ser «usada» apenas para comunicar ou agir, e passa a ser uma maneira de participar, de ser, a linguagem propicia o pensamento, condição de um novo nascer, um nascer outro do que já nasceu – passagem da forma-homem ao humano.» Para a autora, alguma poesia torna explícita a consonância entre escrever o poema e morrer-renascer como movimento contínuo. O poema toma o caminho daquilo que Ovídio designa por «metamorfoses dos seres em novas formas», pois «não há mudanças pré-determinadas, mas sim variações, a exigência contínua da criação, o devir ou metamorfose, que escapa a qualquer lógica unificadora». «A morte que se defende é a que garante o movimento, que desloca as forças de um equilíbrio entre o tremendum e o fascinans no sentido da leveza do olhar exterior às técnicas de apropriação (...). Porque a morte que ocorre no poema é amor, «aquilo que faz do pensamento uma potência». O pensamento, a contemplação, a técnica da transformação simbólica, trabalha com espelhos, e estes duplicam, deslocam, deformam (...), abrem passagens que permitem a deslocação do sangue.» A morte é o não haver mais tempo (ou espaço). No entanto, por milagre, ao pensar, há algo em vez de nada, há um tempo vertical que não se confunde com a temporalização: o tempo da criação ou do acontecimento. Uma morte dionisiaca, «que é também

a outra vida que cada corpo segrega ao participar do instante da criação onde a forma e o informe, as trevas e a luz, se reúnem.» – «para o poeta, a morte é o poema.» «Mas a poesia (e todo o pensamento) é, por condição, des-sacralizante, quer dizer, responde à noção dissolvente opondo-se-lhe. A criação do poema é trabalho da forma, salvaguarda de limites, ao mesmo tempo que é mergulho no anterior, no imemorial, na infância do poeta e na da espécie.» Assim, parece-me essencial abordar, neste Seminário, o fluxo reflexivo que proponho.

Maria Luís Coutinho (Vila Real, 1997) é licenciada em Estudos Portugueses, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL), pela qual foi premiada com o Prémio Mérito e Excelência de Melhor Licenciada 2020/2021. Atualmente, integra uma dupla titulação de Mestrado em Estudos Portugueses na Universidade Nova de Lisboa e na Université Lumière Lyon 2 (França), onde tem vindo a desenvolver a sua dissertação, que propõe interceções entre Ruy Belo, Herberto Helder e Rainer Maria Rilke. Estreou-se em palco com a atuação na peça de teatro «Frontières», da 19ª edição dos Passeurs d'Europe, em Lyon, cidade onde, ao mesmo tempo, explica literatura e português.



NOVA FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDP/00657/2020